

**POLÍTICAS DE LEITURA NA ESCOLA:
DESAFIOS E REALIDADE**

Luciana da Silva Almeida (UENF)
lucy.salmeida@gmail.com

Rysian Lohse Monteiro (UENF)
rysian_lohse@hotmail.com

João Batista da Silva Santos (UENF)
joaosanto.92@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)
elianafff@gmail.com

Munike Taynara Cunha da Silva (UENF)

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar um quadro que mostre como se dá o processo de formação de leitores em escolas da rede pública do município de Campos dos Goytacazes. Sabemos que o docente deve estimular e desenvolver a capacidade leitora dos alunos desde a educação infantil, pois a criança já se encontra no universo letrado que continuará sendo ampliado na escola. Dessa forma, os professores precisam se constituir como leitores e incentivadores da leitura no âmbito escolar a fim de que se desenvolvam essas competências e habilidades linguísticas. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual João Pessoa, no município de Campos dos Goytacazes (RJ), que oferece o curso normal médio. Na primeira etapa de trabalho, nos dedicamos a avaliar as concepções que os professores e as futuras professoras possuem acerca da formação de leitores no ambiente escolar, e de qual seria o papel do professor nesse processo. Assim, realizamos entrevistas, que passaram a compor o *corpus*, intitulado: A língua falada e escrita na região norte fluminense. Em um segundo momento, foram oferecidas oficinas a fim de subsidiar a capacitação de professores para trabalhar a formação de leitores no contexto escolar.

Palavras-chave: Formação de professores. Formação de leitores. Leitura e escrita.

1. Introdução

Partindo da premissa de que a leitura e escrita tem papel fundamental na vida social do indivíduo e que, portanto, a alfabetização é uma das fases de mais profunda importância na vida escolar, permitindo e cri-

ando condições para o exercício da cidadania. O presente trabalho tem como objetivo promover um estudo teórico que estabeleça as implicações da formação inicial do professor alfabetizador para viabilizar as interações de texto, linguagem e alunos.

Aprender a ler e escrever significa tornar-se conhecedor de uma cultura, ao mesmo tempo em que se adquirem habilidades para contribuir na construção e manutenção da cultura.

O conceito de alfabetização, entretanto, está sujeito às demandas de cada período histórico, de acordo com cada sociedade. Para Regina Celi Mendes Pereira (2011), nos primórdios, alfabetizar era aprender a decodificar símbolos. Mais tarde, ser alfabetizado implicava em conhecer as formas ortográficas das palavras. Tempos depois, surgem as cartilhas que traziam como proposta o exercício repetitivo de atividades e textos pouco significativos e descontextualizados.

O atual paradigma referente à alfabetização preconiza que o foco do trabalho deve estar no processo de ensino e aprendizagem, na participação crítica e ativa tanto do professor, quanto do aluno. Reconhecendo que, “não basta somente alfabetizar, mas que é preciso viabilizar as pessoas a oportunidade do contato com as diversas práticas sociais de leitura e escrita”. (PIRES, LIMA & FERREIRA, 2010)

Uma das principais funções da escola, nessa perspectiva, é de preparar cidadãos para um mundo letrado, para lidar com diferentes tipos de textos e contextos de interação linguística.

Ler e escrever, nessa linha, são atividades basilares para que as pessoas possam exercer seus direitos de cidadãos, além de adquirir consciência de seus deveres e, assim, tornarem-se participantes ativos da sociedade a que pertencem.

De acordo com as orientações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997, p. 36),

formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto. (PCN, 1997, p. 36)

Para isso, a formação desses profissionais deve estar muito bem ancorada em conceitos que os permitam conduzir seu trabalho de maneira a incluir os alfabetizados no processo de construção de conhecimen-

to, formando leitores críticos.

Nessa perspectiva, Luiz Carlos Cagliari (1998) defende que os professores alfabetizadores precisam conscientizar-se do poder que a linguagem tem de delimitar os espaços sociais, incluindo ou excluindo as pessoas.

Na mesma via, Magda Soares (1986) nos leva a reflexão de que o fracasso escolar e o fracasso em alfabetizar, em grande parte, se deve pela discriminação das variantes linguísticas utilizadas pelos alunos de classes populares, pela imposição de uma linguagem distante e, por textos pouco significativos. E, também, pelas dificuldades encontradas pelos professores alfabetizadores em lidar com as diversas formas textuais e linguísticas.

Nesse contexto, pretendemos com este trabalho responde a seguinte indagação: De que forma os professores alfabetizadores compreendem e representam alguns conceitos - chave de leitura e produção textual, na sua formação inicial e prática pedagógica?

O referencial teórico será baseado em leituras como: Luiz Carlos Cagliari (1998), Ângela Kleiman (2003), Sonia Kramer (2001), Magda Soares (1986), entre outros.

Buscaremos reflexões que torne possível um trabalho docente que atenda às novas exigências educacionais de forma crítica e criativa.

2. *Da prática de leitura na escola a formação do aluno leitor*

Ensinar a ler e escrever, essa é a principal atividade da escola, e, além disso, no professor estão depositadas as esperanças de formar alunos leitores competentes.

Entretanto, a formação de leitor deve ser considerada também durante a formação do educador. Pois, para Élie Bajard (2002) o educador tem um papel fundamental na mediação do texto e seus alunos.

De acordo com Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2012), "a leitura é o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto". Para as autoras, durante a prática de leitura, o leitor dialoga com o autor, interagindo na construção de significações do texto. E ler, nesse sentido, deixa de ser mera decodificação de signos para ser construção interativa de significados.

Nessa perspectiva, partimos da concepção apresentada por Mikhail Bakhtin (1992) e Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2012), compreendendo *texto* como um processo de interação dialógica, onde o autor e o leitor interagem e contribuem na construção de significados.

Acreditamos na importância de se investir em políticas de leitura mais eficazes. Em metodologias que atendam as exigências propostas pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN, que sugere que

formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto. (BRASIL, 1997, p. 36)

Compreendemos dessa forma que uma política de leitura seja investir em metodologias que institua o texto na escola numa perspectiva reflexiva, tornando a leitura uma atividade prazerosa e cotidiana.

Nessa perspectiva, a leitura é tratada como importante instrumento social, que precisa ser conduzida de forma significativa no processo de aprendizagem. E o educador precisa buscar meios de criar no aluno uma nova dinâmica de leitura, que não seja exclusivamente acadêmica, mas cotidiana e prazerosa, oferecendo ao mesmo tempo situações que o permitam refletir sobre variadas formas de uso da linguagem.

3. *A linguística como subsídio a formação do professor formador de alunos leitores*

O professor em sua prática tem sido bastante questionado quanto ao seu preparo e comprometimento na criação de condições que possibilitem ao aluno a liberdade necessária para que o processo criativo aconteça de forma mais expressiva e funcional possível. Adquirir maior compreensão e afinidade com o seu idioma, ainda é visto por uma grande parte dos alunos como um processo árduo, no qual muitos acabam não se identificando com a própria língua, deixando escapar os conhecimentos que lhes são seus por direito.

Trata-se de uma grande falha de comunicação entre o aluno e o professor, uma vez que é a partir da mesma que se inicia o processo de aquisição de saberes, e é por meio da mesma que as diversas formas de linguagem se manifestam. Falar em comunicação é tratar a sala de aula

como um ambiente rico em singularidades que se completam e fazem parte de um só processo de aprendizado. De acordo com Sérgio Wagner de Oliveira (2009, p. 27) “A constância desse processo é o que se chama educação, que se trata uma forma menos ou mais consciente de perceber, ser, pensar e agir”. Nesse aspecto, o aluno precisa se apropriar dos conhecimentos adquiridos de forma significativa e com autonomia. Segundo Marisa Lajolo (2005) “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. Concordando com os autores, é preciso acabar com a dicotomia entre o que se aprende na escola e na sociedade, fazendo, portanto, que esse paralelo se unifique para que a formação do leitor seja completa e para a vida.

Assim, assumir integralmente sua identidade sociolinguística onde quer que esteja é um direito que deve ser garantido e preservado em todos os ambientes sociais, inclusive no contexto escolar. Todos os alunos possuem singularidades de uma vida que vai além do uniforme, com falares próprios, sentimentos e sensações. Quando na sala de aula se estabelece uma relação de respeito às variações linguísticas, o aprendizado apenas flui; flui de forma leve, simples e prazerosa. De acordo com Marcos Bagno (2009),

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes. (BAGNO, 2009, p. 39-40)

Nesse sentido, de acordo com o autor, as normas da língua e todas as suas especificidades precisam ser estudadas, mas o respeito ao que foge do padrão normativo precisa ser respeitado. Quando falamos em formação de um aluno leitor, é perceptível que o professor precisa compreender a importância da leitura como um processo gradativo, onde a formação escolar e social que indivíduo recebe se completam. Essa compreensão da leitura como um processo social que acontece dentro e fora do contexto escolar, é fundamental para a conquista de uma nova realidade nas salas de aula.

Quando o professor busca por novos conhecimentos que melhor

qualifique sua prática, ele abre a porta da sala de aula para novas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem. O professor vivendo a realidade do aluno na condição de aprendiz, adquire um olhar diferenciado que reflete na preparação de suas aulas. É por meio da busca por novos caminhos, novos saberes, que o professor adquire seu caráter investigador, cuja a criticidade passa a ser um recurso para a auto avaliação de sua atuação. Nessa perspectiva, de acordo com Paulo Freire (2014)

Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.

Portanto, de acordo com o autor, o docente precisa habituar-se a refletir sobre suas ações, compartilhando esse hábito com os seus alunos, visto que, o processo de ensino-aprendizagem constitui-se de saberes teóricos atrelados a uma prática que permita ao aluno atribuir significado aos conhecimentos adquiridos por meio do pensamento crítico.

Desse modo, o processo de formação de leitores precisa ser compreendido como um ciclo, onde professores e alunos possuem papéis igualmente fundamentais, uma vez que para ser um professor formador de leitores se faz necessário compreender e conhecer as especificidades da leitura, sendo aluno constantemente na busca por conhecimentos que potencialize suas aulas. Desenvolvendo assim, progressivamente o potencial crítico e o exercício da autoria entre docentes/discentes, que influenciarão na formação de alunos criativos, com plena segurança de suas competências linguísticas.

4. Resultados alcançados

Os resultados apontam que o espaço destinado à formação de leitores é muito restrito, e principalmente, não há uma preocupação em formar professores como agente incentivador desse processo. Dessa forma, definimos como uma segunda etapa de trabalho para o desenvolvimento da pesquisa, a partir de leituras bibliográficas, e do diálogo com a direção do Colégio Estadual João Pessoa, realizar oficinas para apresentar novas metodologias de ensino de leitura, além de refletir sobre a importância do lúdico.

5. *Conclusões*

Aqui, a leitura é tratada como importante instrumento social, que precisa ser conduzida de forma significativa no processo de aprendizagem. E o educador precisa buscar meios de criar no aluno uma nova dinâmica de leitura, que não seja exclusivamente acadêmica, mas cotidiana e prazerosa, oferecendo ao mesmo tempo situações que o permitam refletir sobre variadas formas de interação com o texto.

Nossas reflexões e discussões com os docentes em formação resultaram em novas perspectivas significativas no que tange ao ensino-aprendizagem de leitura. Assim como possibilitar ao professor trabalhar de forma contextualizada com a realidade do aluno num processo de construção e troca de conhecimento. Pois, acreditamos na necessidade de investir sempre em novas reflexões que possibilitem um trabalho docente dinâmico e inovador, que atenda aos atuais paradigmas de ensino.

A partir dos estudos realizados, podemos perceber que vários autores defendem a utilização do texto como essencial para se alcançar um processo de alfabetização sadio. Entretanto, cabe ao professor apresentar para sua turma, o texto como uma atividade prazerosa, de encantamento, que extrapola as atividades escolares.

Rubem Alves (2004) sugere, ao escrever o poema “Se eu fosse ensinar”, que para haver um encantamento, uma busca por querer aprender, primeiro o educador deve mostrar a beleza dos instrumentos, a parte que encanta e faz querer conhecer mais. Depois disso, os próprios alunos, instigados pela curiosidade, buscariam aprender as técnicas, e estratégias de leitura e escrita.

Entretanto, o que podemos perceber é que, muitas vezes o professor ainda não se encontra ‘encantado’ pelos processos de leitura. E como defende Élie Bajard (2002), o educador tem papel fundamental nesse processo. Pois, é o educador que conduz e viabiliza a interação texto – aluno.

Assim, não há como formar leitores se essa prática não for alimentada no dia a dia do professor. Para que essa prática aconteça, é preciso entender que a leitura é um importante instrumento social, e seu processo de ensino aprendizagem deve acontecer de forma significativa, contextualizada, a fim de que possa superar os fins exclusivamente acadêmicos, tornando-se um hábito prazeroso e cotidiano.

Vimos também que, no que tange a alfabetização, essa teve seu

conceito mudado e transformado de acordo com as necessidades de cada período histórico, a fim de atender as demandas sociais de cada época. Entretanto, para que essas mudanças sejam realmente possíveis, a formação do professor precisa estar constantemente em pauta.

Entendemos, portanto que, no que se refere à formação docente, deve ser uma busca constante por aprimoramento, já que a escola é uma instituição social e, a sociedade por sua vez, vive em constante movimento e mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2009.

BAJARD, Élie. *Caminhos da escrita: espaços da aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CALIL, Eduardo. *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. Londrina: Eduel, 2004.

_____. *Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 106, p. 129-157, 1999. Disponível em:

<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/175.pdf>>.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2005.

LUQUETTI, Eliana Crispim França; CASTELANO, Karine Lobo; CRISÓSTOMO, Monique Teixeira. A educação linguística na formação do professor: uma reflexão necessária. In: MOURA, Sérgio Arruda de; NASCIMENTO, Giovane. (Org.). (Org.) *Formação de professores: histórias, experiências e proposições*. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2013.

OLIVEIRA, Sérgio Wagner de. *Formação e trabalho de professores*. Lavras: UFLA, 2009.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. *Práticas de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos*. João Pessoa: UFPB, 2011.

PIRES, Maria das Graças Porto. FERREIRA, Lúcia Gracia. LIMA, Daniel Fernandes. Alfabetização, professor alfabetizador e prática pedagógica. *Letra Magna: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, ano 06, n. 13, p. 3-27, 2º sem. 2010. Disponível em: <http://www.letramagna.com/Artigo10_13.pdf>.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1996.